

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 316/2014

O CONFRONTO

Agora, sim, a disputa eleitoral assumiu a forma clara do confronto entre as duas posições que têm raízes aprofundadas em mais de meio século de nossa história política. Desde o final dos anos quarenta, depois que o Brasil fez a opção pela democracia, defrontam-se como posições antagônicas em busca da maioria eleitoral duas grandes linhas de proposta política:

De um lado, a grande corrente que acredita na virtude maior do mercado, que identifica mesmo o funcionamento do mercado com as liberdades democráticas, que pensa que toda intervenção do Estado na economia, sendo política, perturba a eficiência da economia, na medida em que a iniciativa privada, livre e desembaraçada, faria tudo muito melhor do que o Estado burocratizado, pesado e politizado. Daí a opção pela privatização de todas as empresas e bancos estatais. Esta grande corrente, que teve expressão partidária mais importante na antiga UDN e hoje tem no PSDB, naturalmente, devota enorme admiração pelos Estados Unidos da América, a pátria deste liberalismo implantado há mais de duzentos anos com os resultados incontestáveis que construíram a maior potência econômica e militar da História. Para seus adeptos, o Brasil deve seguir a grande nação do Norte, reconhecendo sua liderança, secundando-a e acompanhando automaticamente a defesa dos seus interesses, com os quais sempre coincidirão os interesses do Brasil, através da retribuição política e econômica por parte da grande potência. Ficou famosa a frase de um dos próceres desta corrente nos seus primórdios, Juracy Magalhães, então embaixador do Brasil em Washington, que afirmou: “tudo o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. Hoje esta política se traduz na proposta de acordos de livre comércio com os Estados Unidos (ALCA) e com a Europa, a exemplo do que fez o México.

Do outro lado situa-se a corrente que desconfia do mercado, comandado pelos endinheirados do País e do mundo, os que têm poder de compra maciço e poder de investimento e, com este poder, comandam as transações do mercado a favor dos seus interesses. Este outro grande grupamento, que teve expressão partidária maior no PTB (depois PDT) e hoje tem no PT, acredita que o Estado democrático, representando a maioria e a Nação, deve se sobrepor ao mercado e organizar o processo de desenvolvimento segundo os interesses nacionais e populares; deve comandar a economia e redistribuir a renda concentrada pelo mercado nas mãos dos ricos. Esta corrente tem também uma tradição nacionalista, de enfrentamento dos interesses do grande capital internacional, visto como colonialista e explorador. Ela afirma que o desenvolvimento deve basear-se principalmente no capital nacional e no mercado interno, ao mesmo tempo em que preconiza alianças alternativas, políticas e econômicas, com os países da América do Sul primeiramente, e agora com o grupo denominado BRICS, cuja economia tem se mostrado mais dinâmica e ofertadora de oportunidades, contrastando com a estagnação do chamado Primeiro Mundo dominado pelo sistema financeiro.

Obviamente há muitas variantes dessas posições apresentadas aqui esquematicamente, chamadas respectivamente de neoliberal e desenvolvimentista. Há milhões de brasileiros honestamente convencidos das razões de cada um dos lados e, no debate, existem sempre, de lado a lado, tentativas de desqualificar a posição oposta, ora os neoliberais alegando que o Zé Povinho precisa primeiro de educação, pois não sabe o que é melhor para ele e é enganado pelos populistas, ora os desenvolvimentistas acusando os adversários de alienados, manipulados pela mídia comandada pelo grande capital e até estipendiada por agências estrangeiras como a CIA.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 316/2014

Desde que este embate vem ocorrendo em nossa História recente, os desenvolvimentistas venceram com Vargas, Kubitschek e Lula, e os neoliberais com Jânio, Collor e Fernando Henrique. Houve perturbações no processo com a renúncia de Jânio, o golpe militar depondo João Goulart, vinte anos de ditadura e o impeachment de Collor, mas há mais de vinte anos o Brasil tem praticado uma democracia vista com respeito pelo mundo, e tem avançado no aperfeiçoamento deste sistema, buscando formas de uma participação mais efetiva da sociedade organizada nas decisões de governo.

Ao longo dos sessenta anos em que participei da vida política, estive sempre do lado dos desenvolvimentistas-nacionalistas, sem nenhuma hesitação, nem ambigüidade, nem arrependimento, mantendo minhas convicções de socialista e democrata. Agora, mais que nunca, afirmo a importância da reeleição de Dilma para a continuidade do projeto genuinamente brasileiro do Novo Desenvolvimento.

Não creio em perigo de quebra deste padrão democrático consolidado no Brasil, (um novo golpe): é ridícula a manifestação do Clube Militar recomendando Aécio para interromper a “sovietização” em curso com o Governo do PT. Mas não posso deixar de mostrar preocupação com o ódio que se manifesta crescentemente dentro da corrente neoliberal contra o PT e a Presidente Dilma. Algo que tive oportunidade de observar em tempos idos, em relação a Getúlio Vargas e a João Goulart, com resultados desastrosos.

Não desejo isentar o PT de pecados cometidos ao passar da sua fase idealista para a fase pragmática, típica do Poder; de aparelhar politicamente a Administração, por exemplo. Mas a mim me parece que este sentimento negativo, especialmente exacerbado em São Paulo, deve-se não a estes pecados mas, como no caso de Getúlio e de Jango, ao fato de o PT ter mexido da estrutura social em prejuízo das posições da classe média e da elite econômica tradicional. No fundo, mais uma vez a velha luta de classes.

A emoção e o sentimento são próprios da Política e são, na verdade, os fatores decisivos nas eleições. A dimensão e a força deste ódio, entretanto, desta emoção extremamente negativa, é algo que se contrapõe frontalmente ao espírito democrático de respeito ao adversário, e deve ser combatido, denunciado e afastado do processo político de nosso País. A persistir, acabará gerando o ódio de sentido contrário e produzindo um verdadeiro impasse-empate nas ações de governo, qualquer que seja o lado vencedor, como parece estar ocorrendo na Venezuela.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br